

A história de três gerações de agricultores



*Europe Direct é um serviço que responde
às suas perguntas sobre a União Europeia*

Linha telefónica gratuita (*):
00 800 6 7 8 9 10 11

(*) Alguns operadores de telefonia móvel não permitem o acesso aos números iniciados por 00 800 ou cobram estas chamadas

Encontram-se disponíveis numerosas outras informações sobre a União Europeia na rede Internet, via servidor Europa (<http://europa.eu>)

Uma ficha catalográfica figura no fim desta publicação

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2014

ISBN 978-92-79-37329-9
doi:10.2762/26164

Ilustrações: Mi Ran Collin

© União Europeia, 2014
Reprodução autorizada mediante indicação da fonte

Printed in Belgium

Impresso em papel reciclado



A família ilustrada é fictícia, mas a história que conta podia ser a de inúmeras famílias de agricultores um pouco por toda a Europa.

A história de três gerações de agricultores

Todas as famílias têm histórias. Esta é a nossa história. Abrange os últimos 50 anos — tempos difíceis, no início, mas melhor agora. Os agricultores eram praticamente uma espécie em vias de extinção. A Europa veio salvar-nos. A União Europeia deu-nos incentivos e criou uma rede de segurança financeira. Ainda assim, merecemos cada cêntimo que ganhámos ao longo dos anos, muitas vezes com muito trabalho. Se não formos espertos ou não estivermos preparados para fazer esforços ou correr riscos, podemos sempre fracassar. Nesta exploração agrícola todos trabalham. Até o gato, que tem por tarefa caçar ratos.





A história do avô

Chamo-me Jean. Nasci no seio de uma família de agricultores da Normandia, no período entre as duas guerras mundiais. A quinta pertence à família há várias gerações. Continua na família, mas agora são a minha filha e o meu neto que a exploram. As pessoas com quem cresci todas trabalhavam a terra. A nossa aldeia era a nossa vida. Viviam no campo muito mais pessoas do que nos dias de hoje.

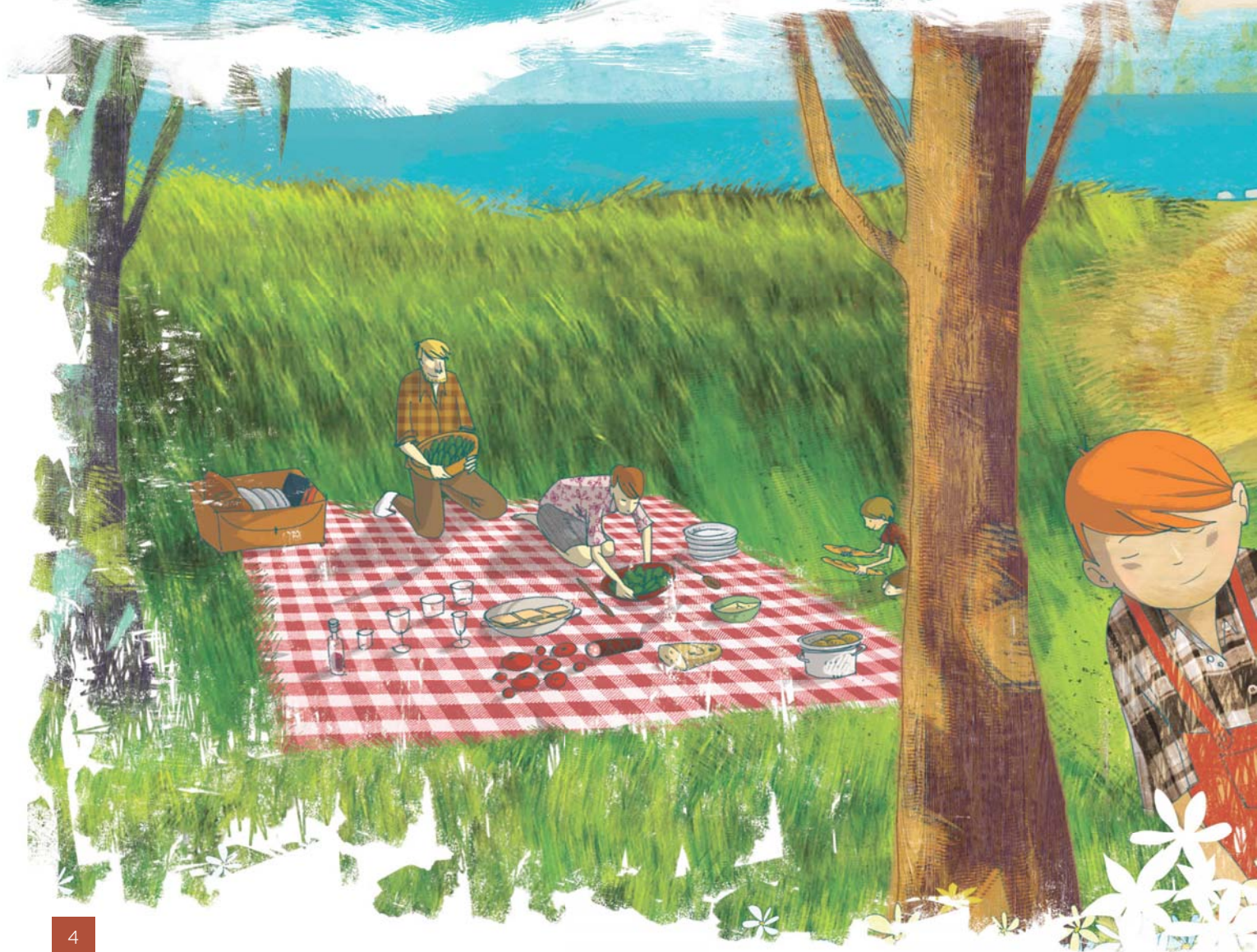


A guerra foi um inferno. Comecei a explorar a quinta pouco tempo depois de a guerra ter chegado ao fim. Praticamente tudo era racionado. As pessoas não tinham comida suficiente e nós, os agricultores, não podíamos produzir aquilo de que elas necessitavam. Tudo o que tínhamos era uma pequena quinta com vacas leiteiras, porcos e algumas galinhas. Éramos pobres, o trabalho era extenuante e o futuro parecia cinzento.



Depois, na década de 1960, as coisas começaram a melhorar. A União Europeia assegurou subsídios e um preço garantido para os nossos produtos. Comprámos um trator com reboque para podermos trabalhar mais rapidamente; a cada colheita produzíamos mais. No entanto, havia por aqui poucas perspectivas de longo prazo para os jovens. Tudo o que víamos à nossa volta era jovens a abandonar o campo em busca de uma vida melhor nas cidades.







Nem sempre as coisas correram bem para eles. Estávamos nos anos 1960 — a era *hippy* — com as drogas, a música *rock* e tudo o mais. Os jovens gastavam o dinheiro tão depressa quanto o ganhavam. A alguns deles, a vida correu bem: têm agora grandes casas e grandes carros. Outros afundaram-se simplesmente. Muito poucos optaram por regressar para aqui.



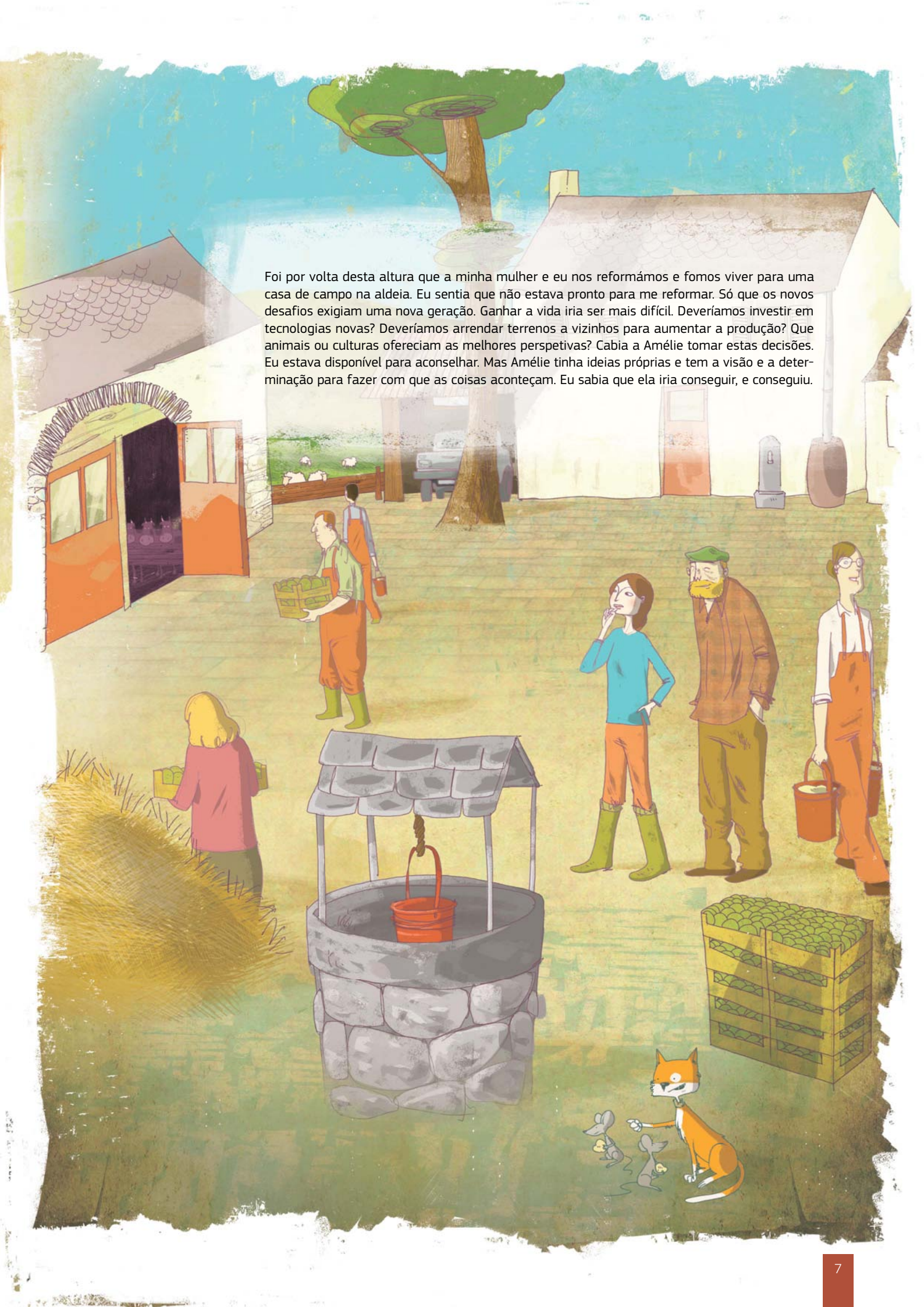
Estávamos num dilema. A quinta estava a produzir melhor graças às ajudas da União Europeia. Com maquinaria nova era possível fazer mais, com menos esforço. Corremos um risco calculado ao introduzir tecnologia avançada antes de todos os nossos vizinhos. Podíamos agora viver de forma modesta, mas com segurança, a partir dos nossos rendimentos. A minha esposa, Marie, e eu fomos de férias pela primeira vez. Só que os nossos filhos começaram a fazer-nos perguntas acerca do seu futuro. À medida que mais jovens abandonavam as quintas e aldeias, o mundo deles parecia estar cheio de pessoas de mais idade, como nós, e de crianças, mas ninguém entre uma geração e outra. Também eles viravam o olhar para a cidade.



Ajudámos os nossos três filhos a tomar uma decisão. Não havia terra suficiente para todos cultivarem e reparti-la também não fazia sentido. Os dois rapazes foram para a cidade — um deles tornou-se engenheiro eletrónico e o outro maquinista do metropolitano. Como tinham bons empregos, ficaram por lá. Mas a nossa filha Amélie adorava o campo. Frequentou a faculdade de Agronomia para aprender novas técnicas, espécies de culturas e de animais, e também gestão de explorações agrícolas.



Na década de 1970, nós, os agricultores passámos por grandes problemas. Estávamos a produzir alimentos suficientes para todos, na verdade, mais do que o suficiente. Havia cada vez mais excedentes que custavam aos contribuintes da UE elevados montantes em armazenamento e escoamento. Em 1984, a PAC (política agrícola comum) introduziu as primeiras quotas de produção. Seguir-se-iam outras.



Foi por volta desta altura que a minha mulher e eu nos reformámos e fomos viver para uma casa de campo na aldeia. Eu sentia que não estava pronto para me reformar. Só que os novos desafios exigiam uma nova geração. Ganhar a vida iria ser mais difícil. Deveríamos investir em tecnologias novas? Deveríamos arrendar terrenos a vizinhos para aumentar a produção? Que animais ou culturas ofereciam as melhores perspectivas? Cabia a Amélie tomar estas decisões. Eu estava disponível para aconselhar. Mas Amélie tinha ideias próprias e tem a visão e a determinação para fazer com que as coisas aconteçam. Eu sabia que ela iria conseguir, e conseguiu.



A história de Amélie

No início, foi difícil para algumas pessoas aceitarem que era eu a agricultora e não apenas a mulher de um agricultor. Assim que assumi os destinos da quinta, pressenti que seria inevitável implementar grandes mudanças. Tínhamos de ser mais cuidadosos com a gestão dos recursos naturais e com a proteção do ambiente. Os gostos do consumidor também estavam a mudar. Reagimos rapidamente, concentrando-nos mais nas especialidades locais e nos alimentos orgânicos que as pessoas pareciam apreciar. Dois anos mais tarde casei-me com o Paul, que explora agora a quinta comigo.

Uma outra mudança teve a ver com a biodiversidade. O número de pássaros, abelhas, outros insetos e plantas tem vindo a decair. Compreendi que manter pequenas zonas naturais em volta dos nossos campos ajuda a trazê-los de volta. A paisagem natural pertence a todos. Há crianças que só viram animais do campo e paisagens naturais na televisão. Para mim, isso é difícil de imaginar. As zonas rurais deveriam ser locais de eleição para os habitantes das cidades se deslocarem para fins recreativos e de descontração. Está tudo aqui, para eles e os filhos desfrutarem.

A agricultura não é um mar de rosas. Criar animais pode implicar problemas. Houve um ano em que o nosso gado contraiu a febre aftosa — o pesadelo de qualquer agricultor. É claro que o veterinário tratou deles, mas as coisas não são assim tão simples. Ficámos proibidos de transportar os animais para fora da quinta, para travar a propagação da doença. Não podíamos vender animais nem laticínios. Isso custou-nos imenso dinheiro, mas a União Europeia ajudou a pagar alguns dos custos adicionais e compensou-nos por parte das perdas. Sem essa ajuda teríamos ido à falência.



Como podem imaginar, empenhei-me ainda mais numa gestão cuidada dos recursos, sobretudo a água e o solo, e na aplicação de métodos de produção mais naturais: deixar os animais o mais possível ao ar livre e utilizar o menos possível fertilizantes e pesticidas químicos. Ainda assim, gerir uma exploração agrícola de sucesso significa estar sempre na vanguarda. Arrendámos terrenos a vizinhos. Comprámos um rebanho de ovelhas para termos uma fonte de rendimento alternativa. Comecei a organizar visitas para crianças em idade escolar.





Os políticos e os governos apercebem-se agora da importância dos agricultores e da agricultura para o futuro das comunidades rurais. Dado que parte do nosso trabalho é zelar pelo ambiente e pelos recursos naturais, é mais do que justo que sejamos pagos por isso. A União Europeia paga-nos porque mais ninguém o quer fazer. Não podemos fazer este trabalho de graça. No entanto, ele tem de ser feito se quisermos (como é o meu caso) que as nossas zonas rurais continuem a fazer parte do nosso património comum.

Uma outra iniciativa foi transformar e embalar mais dos nossos produtos na quinta, vendendo--os diretamente ao mercado local ou às lojas da região. Clientes não nos faltaram. Eu gostava de levar os nossos produtos agrícolas (como leite, manteiga, gelado) ao mercado e encontrar-me com os consumidores. Deste modo, aumentávamos os nossos rendimentos, em vez de comercializarmos produtos não transformados, a preço reduzido, a fabricantes e distribuidores de géneros alimentares. Tínhamos condições para oferecer empregos a tempo parcial a vários habitantes da aldeia e para ajudar a economia local. Este era o nosso contributo para atenuar o êxodo rural e para assegurar aqui mesmo uma subsistência futura para os nossos filhos, caso eles o quisessem. O nosso filho Vincent queria-o, sem dúvida.



Novos horizontes

Olá. Sou o Vincent, filho da Amélie e do Paul. Trabalho com os meus pais e leciono a tempo parcial na faculdade de Agronomia. Foi aí que conheci a minha mulher, a Ewa. Era uma estudante polaca de um programa de intercâmbio. Também vem de uma família de agricultores. A agricultura na Europa Central e de Leste continua a não ser tarefa fácil. As pessoas têm abandonado as zonas rurais em grande número. Para aqueles que ficaram, as mudanças têm sido muitas. A princípio, todas aquelas normas da União Europeia eram bastante confusas, ainda que tenham trazido mudanças para melhor. Poucos agricultores se consideravam empresários. Limitavam-se a trabalhar esforçadamente e a confiar que o tempo lhes traria uma boa colheita.



A Ewa e eu passamos algum do nosso tempo em França, mas a maior parte na Polónia. Estamos a tentar aprender com as experiências um do outro e a utilizar os contextos diferentes das nossas origens para desenvolver o nosso negócio. Em França, as nossas atividades desenvolveram-se. O turismo rural está em alta. As pessoas das cidades andam a comprar propriedades agrícolas e celeiros e a restaurá-los como segunda habitação. Isto está a injetar vida nova à nossa região e a gerar os postos de trabalho adicionais de que tanto necessitamos.



Na Polónia, havia imensas oportunidades a agarrar, sobretudo quando chegaram os subsídios de Bruxelas. Convertemos um dos edifícios numa casa rural que arrendamos a turistas. Que tal visitar-nos? Traga alguns amigos: de quinze em quinze dias, ao fim de semana, temos concertos de *rock*, *soul* e *heavy metal* no celeiro.



Contudo, a vida não é fácil, nem em França, nem na Polónia. O mundo em que vivemos é diferente do mundo do meu avô. Ele enfrentou determinados desafios e nós enfrentamos outros, que passam por requisitos mais rigorosos em termos de qualidade, segurança e bem-estar animal. Um dos maiores desafios com que nos defrontamos são as alterações climáticas, com um maior número de situações extremas de seca e inundações. A minha sogra esteve prestes a morrer afogada quando o rio da zona galgou as margens há dois anos. Perderam a maior parte da colheita e metade do gado. E não tinham seguro. Agora estão avisados.

Em tudo o que podemos, combatemos as alterações climáticas. Quando tal não é possível, adaptamo-nos a elas. Subscrevemos uma apólice de seguro contra danos de colheitas. Ajudamos também a reduzir as emissões de carbono. As nossas turbinas eólicas geram eletricidade limpa e transformamos resíduos agrícolas em biocombustível de baixo teor de carbono, como alternativa ao gasóleo.



A Ewa e eu olhamos para os nossos filhos e preocupamo-nos com o futuro — mas as nossas preocupações são as mesmas de quem tem filhos: como irão os nossos filhos fazer face ao mundo duro e complexo em que vivemos? Temos conseguido proporcionar-lhes um futuro seguro aqui no campo. Mas será que eles irão ficar? Esperamos que sim!



Aqui na quinta, temos a tecnologia que as pessoas utilizam normalmente. Usamos GPS, telemóveis e outros aparelhos móveis, para tudo, desde previsões meteorológicas, monitorização dos preços de mercado, consulta do fornecimento de produtos destinados à quinta, ao mapeamento da exploração. A aldeia está cheia de vida. Temos um café em ambas as explorações. Organizamos casamentos e eventos de negócios em edifícios reabilitados. Em França, também desenvolvemos uma atividade extra com festas infantis durante o fim de semana. O pátio interior fechado faz com que a quinta se assemelhe a um castelo, e alugamos guarda-roupa e organizamos banquetes medievais.



Portanto, a roda parece ter completado o círculo em 2012. Tal como o meu avô fazia há 50 anos, ajudamos a alimentar as pessoas em toda a Europa e fora dos seus limites. Só que atualmente fazemos muito mais — cuidamos do ambiente, fazemos a gestão dos escassos recursos naturais e mantemo-nos a par dos mais recentes avanços tecnológicos. Também estou envolvido no auxílio à comunidade local, mas o nosso rendimento principal continua a vir da agricultura.



Sinto-me feliz por estar rodeado pela minha família após todos estes anos e sinto orgulho por ainda nos dedicarmos à agricultura. A vida foi, e continua a ser, dura, mas tem as suas compensações. As pessoas irão sempre precisar de se alimentar, pelo que a necessidade de agricultores estará sempre presente. Em tempos de turbulência económica e financeira, sempre temos o nosso terreno. E a terra irá sempre colaborar connosco e fornecer os alimentos de que necessitamos, desde que tratemos dela. Cabe agora aos jovens escreverem o próximo capítulo da história que nos liga à nossa terra.



A família ilustrada é fictícia, mas a história que conta poderia ser a de inúmeras famílias de agricultores um pouco por toda a Europa.

Comissão Europeia
Direção-Geral da Agricultura e do Desenvolvimento Rural



Serviço das Publicações

ISBN 978-92-79-37329-9
doi: 10.2762/26164